

OITAVÁRIO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS

Todos os anos, do dia 18 ao dia 25 de Janeiro, festa da Conversão de São Paulo, a Igreja dedica oito dias a uma oração mais intensa para que todos aqueles que crêem em Jesus Cristo cheguem a fazer parte da única Igreja fundada por Ele. Leão XIII, em 1897, na Encíclica *Satis cognitum*, dispôs que fossem consagrados a esta intenção os nove dias que vão da Ascensão ao Pentecostes. No ano de 1910, São Pio X transferiu a celebração para os dias que decorrem entre a antiga festa da Cátedra de São Pedro, que se celebrava no dia 18 de Janeiro, e a da Conversão de São Paulo.

O Concílio Vaticano II, no Decreto sobre o ecumenismo, insta os católicos a rezar por esta intenção, “conscientes de que este santo propósito de reconciliar todos os cristãos na unidade de uma só e única Igreja de Cristo excede as forças e capacidades humanas conforme o decreto «Unitatis redintegratio» onde, disse o Papa, se sublinha com ênfase o papel e a importância da oração pela unidade.

Graças a este ecumenismo espiritual, baseado especialmente na oração e conversão sincera – observou – avançou-se muito nestas décadas na procura comum da unidade, diversificada em múltiplas iniciativas: desde o conhecimento recíproco ao contacto fraternal entre membros de diferentes Igrejas e comunidades eclesiais, desde conversas sempre mais amistosas a colaborações em vários âmbitos, desde o diálogo teológico à busca de formas concretas de comunhão. Além disso, o Concílio, recordou ainda o Santo Padre, “sublinha a importância da oração comum, porque com ela as comunidades cristãs tomam consciência das contradições geradas pelas divisões e manifestam o desejo de obedecer à vontade do Senhor e essa oração não é um acto voluntarioso ou puramente sociológico, mas a expressão da fé que une todos os discípulos de Cristo”.

O Primado é garantia da unidade dos cristãos e meio pelo qual deve desenvolver-se o verdadeiro ecumenismo. O Papa ocupa o lugar de Cristo na terra; devemos amá-lo, escutá-lo, porque a sua voz traz até nós a verdade. E devemos procurar por todos os meios que essa verdade chegue a todos os cantos mais distantes ou mais difíceis da terra, sem deformações, a fim de que muitos desorientados vejam a luz e muitos aflitos recuperem a esperança.

A devoção e o amor ao Papa constituem para os católicos um sinal distintivo único, que implica o testemunho de uma fé vivida até as suas últimas consequências. O Papa é para nós a presença tangível de Jesus, “o doce Cristo na terra”, como lhe chamava Santa Catarina de Sena; e incita-nos a amá-Lo, bem como a ouvir essa voz do Mestre interior que fala em nós e nos diz: Este é o meu eleito, escutai-o, pois o Papa “faz as vezes do próprio Cristo, Mestre, Pastor e Pontífice, e age em Seu nome”.